

# O governo não conhecia nem sua própria força

**LUIZ CARLOS LISBOA**

Stevenson confessou uma vez sua certeza de que a opinião de um grupo não passava, freqüentemente, de afetação inspirada pelo dogmatismo. O que para o escritor brilhante era evidente, para nós, simples mortais, dá margem a muitas interpretações, sobretudo na crise moral, psicológica e econômica em que estamos mergulhados, onde todo arrazoado e toda generalidade são possíveis, e parecem ter desdobramentos infinitos. De repente, depois da votação do dia 22 a favor do presidencialismo, a Nação descobre que o governo tem sólida e tranqüila maioria na Assembléia Nacional Constituinte. Que a oposição contestasse toda essa força e os "históricos" do PMDB rissem muito dela, compreende-se. Estranho é que o próprio governo estivesse à beira do desespero, cético e angustiado, quando foi surpreendido com a revelação de sua pujança, que ele jamais chegou a alardear simplesmente porque ignorava por completo. Que fenômeno permitiu que o governo permanecesse cego a respeito de seu potencial? Que pressões determinaram aquela votação em plenário?

As caracterizações tardias de ameaças de golpe, como explicação do quórum máximo na Assembléia, são fascinantes e envolvem como um bom romance policial os que acompanham a política, mas não convencem de todo. Nem seria necessário o desmentido do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, negando qualquer pressão militar contra o parlamentarismo e o mandato encurtado do presidente Sarney. A Assembléia Constituinte entra agora num minirrecesso que vai acabar após a Semana Santa, porque os representantes do povo esgotaram sua criatividade nessas últimas tardes, e o tempo desses próximos dias folgados será mais que suficiente ao País para meditar no grande tema brasileiro dos nossos costumes políticos. A extraordinária presença de constituintes em plenário, única na história do Congresso, e a colossal derrota do parlamentarismo seriam previsíveis e calculadas com pequena margem de erro, se a fabricação da mentira, a falsa vox populi, a pressão e a patrulha não tivessem minado a realidade e impedido o percebimento dos fatos. Esse é, talvez, o desarranjo mais dramático da vida política brasileira das últimas décadas: o wishfull thinking das minorias tenazes, o pensamento mágico dos que repetem uma inverdade (como seu mestre Goebbels recomendava) até que ela se transforme numa aparente verdade. A opinião pública, alguns meios de comunicação, a Presidência da República, a Nação inteira acreditaram que o governo era minoritário na Constituinte, que era preciso um esforço imenso e até métodos pouco recomendáveis para vencer (no seu tempo, adotados), e que certos meios militares não tolerariam o parlamentarismo.

Esse mar de mentiras de todo tamanho tinha muito de ocasional, mas trazia em si também muito de intencional e premeditado. Afinal, o patrulhamento político é uma aquisição relativamente nova dos meios políticos, mas sua eficácia é

reconhecida. Assegurar a derrota antecipada de uma facção é um primeiro passo para derrotá-la, naturalmente, embora seja apenas o primeiro. As alusões à fraqueza e ao anacronismo de um homem, de um agrupamento ou de um sistema, são formas de enfraquecê-los e torná-los anacrônicos ante as investidas que se seguirão. Isso funcionou contra o governo Sarney, por manipulação da parte do PMDB que depois constou no noticiário como derrotada. O presidente da República e seus ministros começaram a dar-se conta da própria força nas horas que antecederam a votação de 22 de março, mas até o último minuto não tinham certeza. As alegadas pressões militares como explicação, no dia seguinte, da vitória do presidencialismo, tornaram-se risíveis porque não somente foram desmentidas por quem tinha até interesse em confirmá-las, como porque apareceram desde logo à maneira de racionalização a posteriori, e desejo evidente de desmoralizar uma certa ala "progressista" que deu seu apoio ao presidencialismo.

Há uma forma de controle da opinião pública, da opinião política e até da opinião militar, que se faz de modo sutil e persistente, e que já somou pontos, há muitos anos, nos campos do nacionalismo xenófobo e em diferentes franjas dos quartéis. A Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte é o que se poderia chamar de monumento à genialidade das minorias atuantes, essas mesmas que criam vocábulos e empreham antigas palavras de sentidos novos, uns pejorativos, outros laudatórios. Os donos da linguagem são como os donos da estatística: fazem com que a verdade seja sua tributária, em vez do contrário. "Em tempo de guerra, mentira como terra" — a grande crise nacional é uma guerra devastadora, feita de rótulos, palavras e definições curtas. No campo raso da Assembléia Constituinte vale quase tudo, desde que a aparência legal seja salva. O tempo da luta armada já passou, assim como o tempo da corrupção direta ficou para trás. Hoje, a guerrilha é contra a verdade objetiva, e a venalidade fala mais do que nunca em nome dos interesses do povo. Apesar disso, o homem comum sabe que, em sua essência, nada mudou.

A afetação inspirada pelo dogmatismo, de que falava Stevenson, é a sólida opinião com os pés plantados no ar da maior parte do nosso universo político. O ufanismo e a bazófia dos que tam écraser l'infame eram tão infundados quanto a vaidade governamental que vem por aí em função da vitória inesperada. Oposição e governo precisam de uma boa dose de modéstia, e outro tanto de realismo. Vamos cortar um pouco do nosso tberismo, e dessa arrogância dos subdesenvolvidos que nos assola o espírito, voltando os olhos para a humildade natural de povos que saíram de crises piores para a riqueza. Os conselhos de mentira eficaz do dr. Goebbels são, no fim da história, totalmente ineficazes. Precisamos reler os jornais dos dias que antecederam a votação de 22 deste mês, na Assembléia Constituinte. E a partir deles, vamos fazer nossa mea culpa, ou uma autocritica completa.